

A LITERATURA BRASILIENSE E A UnB¹

Danilo Lôbo

Eu fui convidado a vir, hoje, aqui, falar aos senhores, durante alguns minutos, sobre a literatura brasiliense e a Universidade de Brasília, e, mais especificamente, sobre as manifestações dessa literatura na área de Letras da UnB.

Em primeiro lugar, eu gostaria de lembrar que os departamentos encarregados das Letras na UnB — assim como acontece nas demais universidades brasileiras, e mesmo estrangeiras — não formam *escritores*. O máximo que um jovem desejoso de tornar-se escritor pode encontrar — tanto na UnB quanto alhures — é a oferta de algumas disciplinas do tipo *oficina literária*, que permitem um certo treinamento na arte da escrita dos chamados textos de criação literária, isto é, poesia, conto, romance e outros. O Curso de Letras da UnB (e insisto que a situação é a mesma no resto do país) forma, pois, *licenciados* (via licenciatura), que são fundamentalmente professores de língua e literatura, ou *bacharéis* (via bacharelado), profissionais estes que podem exercer funções diversas que demandem um bom domínio do português ou de idiomas estrangeiros. Nesse sentido, um jovem que ingresse em uma universidade brasileira, com o objetivo precípua de sair de lá *escritor*, só poderá, caso consiga levar a bom termo o seu trabalho, se sentir decepcionado ao final dos quatro ou cinco anos necessários para a conclusão do curso.

Eu não estou afirmando que o Curso de Letras não tenha valor para os futuros escritores. Muito pelo contrário. Acredito sinceramente que ele pode ser deveras enriquecedor, dando aos interessados o treinamento lingüístico necessário e proporcionando-lhe ensinamentos de literatura e de teoria literária que lhe serão, com certeza, extremamente úteis. A seu modo, a universidade oferece ao futuro escritor, de uma forma metódica e organizada, os conhecimentos lingüísticos e literários que ele precisa adquirir, se desejar ser um bom profissional. Obviamente, não se concebe um escritor que não tenha um excelente domínio da língua em que escreve e que desconheça a tradição literária em que está inserido. A universidade pode dar ao futuro escritor esse conhecimento. Caso contrário, ele terá de adquiri-lo por si próprio, autodidaticamente.

Nos últimos anos, a universidade brasileira tem incentivado a pesquisa e, sobretudo, a publicação dos resultados dela advindos. O dito americano “Publish or perish” (“Publique ou pereça”), muito repetido nos meios acadêmicos dos Estados Unidos, já se tornou, entre nós, uma realidade. É claro que a sua aplicação tem sido feita com maior ou menor rigor, dependendo de uma série de fatores específicos de cada instituição e do sistema universitário nacional. *Grosso modo*, pode-se, entretanto, dizer que, cada vez mais, o professor universitário brasileiro tem sido *induzido* a pesquisar e a publicar — tornando-se, assim, escritor — os resultados dessa atividade em periódicos nacionais e estrangeiros. Se considerarmos *escritor* todo docente e pesquisador que tem publicado artigos técnicos em periódicos especializados, teremos forçosamente de concluir que a UnB e as demais universidades brasileiras estão *saturadas* de escritores.

Curiosamente, talvez seja na área das Letras que a diferença entre os escritos de criação literária e os escritos técnicos se faça mais sentir. Os profissionais das Letras estabelecem uma distinção muito clara entre os dois modos de escrever. A universidade também busca fazê-lo, assim como os órgãos de fomento à pesquisa, como a CAPES e o CNPq, apesar das dificuldades que encontram, por vezes, para valorar e contabilizar os trabalhos de criação literária produzidos por membros da comunidade acadêmica. O problema parece derivar do fato de estarem as Letras a meio caminho entre as Ciências Humanas e as Artes.

Os organizadores deste Seminário lançaram um desafio à comunidade intelectual de Brasília: o de provar a existência ou a não-existência de uma literatura brasiliense.

Se me é permitido recorrer ao *óbvio ululante*, para empregar uma expressão consagrada de Nelson Rodrigues, eu lembraria que o Brasil, como os senhores bem o sabem, foi oficialmente descoberto pelos portugueses em 1500, tendo conquistado a sua independência política em 1822. Durante 322 anos, portanto, fomos colônia de Portugal, e, durante esse período, o País, bem ou mal, foi adquirindo a forma que hoje tem, não só do ponto de vista físico, com a conquista de novos territórios então pertencentes à América espanhola, mas sobretudo do ponto de vista espiritual e intelectual, com o desenvolvimento do sentimento de nacionalidade ou *brasiliade*.

Apesar de continuarmos usando a língua do colonizador como veículo de expressão, inquirir, hoje em dia, se a literatura brasileira existe é algo que não faz mais sentido. Por um lado, a distância não só física, mas cultural e lingüística, entre Portugal e o Brasil só tem aumentado com o passar dos anos, pelo menos no sentido de lá para cá. No sentido inverso, isto é, do Brasil para Portugal, a situação é um pouco diferente. Por outro lado, os fatos, isto é, as obras literárias, são provas concretas e irrefutáveis da existência de uma literatura nacional.

Entretanto, as coisas nem sempre foram assim. Essa questão, que hoje descartamos como irrelevante, foi feita durante muitas décadas por nossos predecesores. Atualmente, a pergunta que os estudiosos ainda, por vezes, se põem é a seguinte: quando foi que a nossa literatura deixou de ser portuguesa e se tornou brasileira?

Para alguns estudiosos, a literatura brasileira teria começado com a carta de Pero Vaz de Caminha, enviada, em 1500, a D. Manuel, Rei de Portugal, para anunciar o achamento da nova terra. Nela, o escrivão oficioso da frota de Cabral fala dos nossos índios e das coisas que aqui viu, o que lhe daria o *status* de primeiro documento sobre o Brasil e, portanto, de nossa literatura.

Grosso modo, esta será a situação dos escritores do período colonial: eles falarão da realidade brasileira, mas expressar-se-ão da mesma forma que se expressariam se estivessem na Europa, pois utilizarão o mesmo código língüístico usado em Portugal.

O baiano Gregório de Matos Guerra (1636-1695) é recorrentemente apontado como o nosso primeiro grande poeta. Mas, considerando a época em que viveu e a educação que recebeu (Gregório bacharelou-se em Coimbra), pode-se perguntar até que ponto ele foi um escritor verdadeiramente brasileiro.

No final do século XVIII, na época da Inconfidência Mineira (1789), vamos encontrar, em Vila Rica, um grupo de escritores já desejosos de ver o Brasil politicamente livre de Portugal. Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto são nomes a serem lembrados. Contudo, a estética arcádica, de cunho neoclássica, então em voga, era, por sua própria natureza, alienante com respeito à nossa realidade. Essa alienação, em um certo sentido, impidiu manifestações mais concretas do sentimento de nacionalidade que já então dominava esses escritores.

Caberia, portanto, aos poetas e ficcionistas românticos, segundo me parece, iniciar o processo daquilo que viria a constituir-se a literatura brasileira. Entre esses escritores, destaca-se com nitidez a figura ímpar de José de Alencar, que muito lutou em prol de uma literatura formal e tematicamente brasileira.

Não é, pois, de estranhar que Machado de Assis tenha publicado, em 1873, no periódico *O Novo Mundo* (Nova Iorque), o seu famoso artigo “A Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade”, onde discute o surgimento de uma literatura brasileira. Diz Machado no início do seu texto:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto-Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madruga, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional.

Esta outra independência não tem sete de setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo. (1959: 130)

Apesar de reconhecer o relevante trabalho em prol de uma literatura nacional, desenvolvido inicialmente por Basílio da Gama e Santa Rita Durão, e continuado, no século XIX, por Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães, Machado afirma alguns parágrafos mais à frente:

[...] As mesmas obras de Basílio da Gama e Durão quiseram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a literatura, literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora. (*Ibid.*: 131)

Essas palavras, repito, escreveu-as Machado de Assis em 1873, depois de 373 anos de história do Brasil. Inquirir, pois, se a literatura brasiliense existe, ou já existe, depois de 35 anos de história do Distrito Federal, não deve, portanto, causar estranheza.

Voltando, pois, à questão inicial, temos colocada aqui e agora, no Planalto Central, em ponto menor, é claro, a questão da existência ou não de uma literatura brasiliense, semelhante à que tanto preocupou escritores do calibre de Machado de Assis na segunda metade do século XIX.

Brasília, certamente, não foi *descoberta* pelos brasileiros. Ela foi, sim, por eles *construída*. Mas o processo de *colonização* do Planalto Central, que acompanhou a construção da cidade durante a fase heróica de sua implantação, e que continua até hoje, não difere muito do processo de colonização do País, iniciado com a sua descoberta.

Em vez de colonos ultramarinos que para cá transplantaram sua língua, seus hábitos, sua estrutura política, social e econômica, o Planalto Central recebeu, a partir de 1956, levas e levas de brasileiros que trouxeram para esta parte do estado de Goiás, então quase desabitada, suas diferentes formas de falar uma mesma língua, seus diferentes hábitos e costumes. Obviamente, as estruturas política, social e econômica foram trazidas sobretudo do Rio de Janeiro, o antigo Distrito Federal, pelas autoridades e pelos políticos que para cá vieram exercer seus cargos e mandatos.

Como fizeram os portugueses durante quatro séculos, muitos brasileiros vieram para o Planalto Central para enriquecer, ou pelo menos, *melhorar de vida*, e voltar, em seguida, a seus estados de origem. Acredito que muitos assim procederam. Entretanto, como no caso dos nossos colonizadores, um bom número desses brasileiros aqui acabou ficando, constituindo família e dando origem à primeira geração de brasilienses, cujos integrantes já têm mais de trinta anos.

Atualmente, a população da Capital Federal ainda é formada, em sua grande maioria, por brasileiros oriundos de outros estados e que, tendo vindo para cá pelos mais diversos motivos, aqui resolveram ficar, adotando Brasília como lugar para

viver e, sobretudo (o que me parece bem mais importante), para morrer. Acredito que os artistas — sejam eles escritores, pintores, músicos, etc. — que integram esse grupo têm condições de produzir uma arte que poderia e pode ser considerada brasiliense. Creio, entretanto, que a verdadeira literatura brasiliense só assumirá uma configuração característica, definitiva e representativa do Distrito Federal no dia em que os escritores aqui nascidos, ou que para cá vieram ainda crianças — e que aqui viveram — começarem efetivamente a dar mostras de sua criatividade, o que já está acontecendo.

Esta última afirmação baseia-se na idéia de que a infância seria a principal fonte de inspiração para quem escreve. Um escritor adulto, ao transferir-se para outra cidade, ou mesmo para outro país, levará seguramente consigo toda uma *vivência*, toda uma *bagagem*, da qual dificilmente poderá desvincilar-se. Essa primeira experiência de vida sempre far-se-á sentir em sua obra. Não é, pois, de admirar, que possamos continuar a ser cearenses, capixabas ou gaúchos, embora estejamos vivendo no Planalto Central há mais de 30 anos.

Recentemente, o escritor nascido mineiro Napoleão Valadares, mas que vive em Brasília desde 1966, publicou uma obra muito reveladora do estado atual das letras brasilienses. Trata-se do *Dicionário de Escritores de Brasília*, dado a lume pelo editor André Quicé, em 1994.

Em seu *Dicionário*, Napoleão Valadares lista (salvo engano na contagem) 973 nomes de escritores que, de uma forma ou de outra, estiveram ligados a Brasília nos últimos trinta e cinco anos.

No que diz respeito ao tema deste Seminário, e sem desmerecer o excelente trabalho de Napoleão Valadares, o *Dicionário* peca pelo excesso. Em verdade, a literatura brasiliense não poderia ser constituída por um número tão elevados de escritores: 973. De fato, muitos escritores que ali figuram, alguns de renome nacional, aqui apenas estiveram de passagem, e não acredito que a presença de Brasília em suas obras justifique a sua catalogação como *escritor brasiliense*. Nomes como os de João Cabral de Melo Neto, Carlos Lacerda, Eduardo Portela e, até mesmo, Agnaldo Timóteo figuram no *Dicionário*.

Napoleão Valadares apresenta, entretanto, 179 páginas de nomes de escritores, já eliminadas desse número as folhas iniciais e finais da obra, que tem, ao todo, 194 páginas. Este número — 179 — é expressivo, considerando-se, sobretudo, que os verbetes são relativamente curtos. Dados numéricos como esses são, a meu ver, uma evidência concreta e irrefutável de que a literatura brasiliense existe de fato.

Percorrendo as páginas do *Dicionário*, foi possível detectar a presença de 13 escritores nascidos no Distrito Federal. A lista é incompleta, mas não deixa de ser reveladora. Napoleão Valadares, na impossibilidade de “definir o que vem a ser escritor”, optou por “incluir os publicados em livro” (p. 7), critério este que me parece explicar, em parte, a exclusão de muitos nomes de jovens escritores brasilienses. Fazem parte desse grupo os seguintes:

ANAPAULA Corrêa MIRANDA (02/05/1967)

CREDE IBSEN (Ibsen José Casas Noronha) (14/08/1968)

DANIEL RODRIGUES DO COUTO (28/09/1982)
GERALDO dos Santos LIMA, Planaltina (18/11/1959)
ISMAEL José CESAR (01/03/1964)
José ADIRSON de Vasconcelos JÚNIOR (19/10/1980)
LAFAIETE LUIZ NASCIMENTO (01/01/1968)
LARISSA MALTY dos Santos (15/10/1972)
MÁRCIA SOARES DE SOUZA (20/06/1962)
MAXIMILIANO Nunes MORAES (26/06/1974)
NEVINHO ALARCÃO, Planaltina (07/11/1958)
MEYRE CARVALHO (17/01/1963)
SANDRA Maria de CARVALHO (01/03/1969)

Com exceção de Nevinho Alarcão e Geraldo Lima, nascidos em Planaltina, em 1958 e 1959, respectivamente, todos os escritores listados por Napoleão Valadares nasceram, em Brasília, a partir de 1962. Nessa lista não foram incluídos os escritores oriundos das cidades goianas que circundam o Distrito Federal, como Luziânia, Formosa, etc., o que aumentaria substancialmente.

Ao longo dos últimos trinta anos, a UnB teve o privilégio de contar com a colaboração de escritores de renome nacional. Intelectuais do gabarito de Cyro dos Anjos por lá passaram ou lá continuam. Assim, a área de Letras da UnB, isto é, o departamento encarregado de ministrar as disciplinas de Literatura, contou, nos últimos anos, com a presença e os bons serviços de escritores cujos nomes passo a declinar. Informo que o critério adotado foi, também, o de publicação em livro e peço desculpas antecipadas por qualquer esquecimento:

AGLAÉDA FACÓ Ventura, Fortaleza, CE
ANTÔNIO SALLÉS FILHO, Catalão, GO
ASTRID CABRAL Félix de Sousa, Manaus, AM
CARLOS ALBERTO dos Santos ABEL, Rio de Janeiro, RJ
CARLOS J. TORRES PASTORINO, Rio de Janeiro, RJ
CASSIANO Botica NUNES, Santos, SP
CLÁUDIO MURILO LEAL, Rio de Janeiro, RJ
CYRO Versiani DOS ANJOS, Montes Claros, MG
DANILO Pinto LÔBO, Vitória, ES
DALMA BRAUNE PORTUGAL DO NASCIMENTO, Barra do Piraí, RJ
DOMINGOS CARVALHO DA SILVA, Portugal
DORA DUARTE, Piracanjuba, GO
EUDORO DE SOUSA, Portugal
FLÁVIO RENÉ KOTHE, Santa Cruz do Sul, RS
HEITOR MARTINS, Belo Horizonte, MG
HENRYKSIEWIERSKI, Polônia
JAIR GRAMACHO, Santa Maria da Vitória, BA

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA, Recife, PE
JOÃO FERREIRA, Portugal
JOÃO PEDRO MENDES, Portugal
JOSÉ SANTIAGO NAUD, Porto Alegre, RS
LINA TÂMEGA DEL PELOSO, Cataguases, MG
LUIZ PIVA, Tigipió, SC
LYGIA ALVES CADEMARTORI, Santana do Livramento, RS
MARGARIDA de Aguiar PATRIOTA, Rio de Janeiro, RJ
NEIDE DE FARIA, Goiás, GO
OSWALDINO Ribeiro MARQUES, São Luís, MA
RONALDES DE MELO E SOUZA, Grupiara, MG
SARA ALMARZA, Chile
STEPHEN LEE SCHWARTZ, Estados Unidos
TANIA REBELO COSTA SERRA, Rio de Janeiro, RJ

Alguns desses escritores limitaram-se aos estudos literários, e são, visceralmente, professores e pesquisadores; outros, além de trabalhos acadêmicos, produziram também obras de criação literária. Um grupo menor seria formado pelos verdadeiros escritores, isto é, por aqueles que se dedicam preferencialmente aos trabalhos de criação literária. Como representantes desse último grupo, eu destacaria os nomes de Astrid Cabral, Cassiano Nunes, Cyro dos Anjos, Domingos Carvalho da Silva, José Santiago Naud, Margarida Patriota e Oswaldino Marques.

Em que medida, entretanto, a obra individual desses escritores pode ser classificada como literatura brasiliense é um ponto que merece ser oportunamente aprofundado. Nesse sentido, devo informar-lhes que, há já algum tempo, está sendo cogitada a criação de uma disciplina, dentro do Curso de Letras da UnB, para tratar da literatura brasiliense. Dois de nossos docentes, pelo menos, já mostraram interesse em pesquisar academicamente a literatura produzida em Brasília, os professores Carlos Alberto dos Santos Abel e Hilda Orquídea Hartmann Lontra.

A Universidade de Brasília tem um Curso de Mestrado em Literatura, com duas opções: Teoria da Literatura e Literatura Brasileira. Implantado em 1975, os alunos desse curso têm mostrado pouco interesse em desenvolver pesquisas sobre a literatura brasiliense. Gostaria, entretanto, de destacar duas dissertações de excelente nível, que mereciam ter sido publicadas quando defendidas, mas que até agora permanecem inéditas: a primeira, de autoria de José Roberto de A. Pinto, "Poesia de Brasília: Duas Tendências", defendida em 1983, e a segunda de Maria Lúcia Ferreira Verdi, "Obsessões Temáticas: Uma Leitura de Samuel Rawet", de 1989.

Convém destacar que, ao longo dos anos, o Curso de Mestrado em Literatura teve o privilégio de ter tido, como alunos de pós-graduação, escritores como Hermenegildo Bastos, Nara Maria de M. Antunes, Benedita Gouveia Damasceno, Antônio Roberval Miketen, Alan Viggiano, Maria do Carmo P. Coelho, Kori Bolivia,

Lêda Tâmega Ribeiro, Luíza Maria Andrade Nóbrega, Samira Abrahão Rodrigues Pinheiro, Wilson Pereira, Stela Maris de Resende, María Ivonete Santos Silva, Alaor Barbosa dos Santos e Lourenço Cazaré.

Mas em que consistirá a *literatura brasiliense*?

Quero crer que essa literatura terá de traduzir um sentimento de *brasiliensidade*, que ainda está em estado de gestação. A cidade terá de, direta ou indiretamente, se fazer presente nas obras aqui produzidas. A paisagem e, mais do que a paisagem, a atmosfera da cidade terá de se fazer sentir em nossos textos. A lua de Brasília, a secura do nosso ar (tão aguda nos meses de agosto e setembro), a amplidão dos nossos espaços abertos, o sentimento de solidão, a vida compartimentada das nossas superquadras, o Lago Paranoá, as largas avenidas, o verdor dos jardins urbanos durante os meses de chuva, tudo isso, enfim, terá, de um modo ou de outro, de se fazer matéria-prima suscetível de transmutar-se em literatura.

Acredito que quando esta porção do Planalto Central se tiver tornado parte de nós, se tiver entranhado em nós que aqui vivemos e, sobretudo, nos indivíduos que aqui nasceram e nascerão, aí, sim, poderemos falar de uma literatura genuinamente brasiliense. Em verdade, não mais precisaremos dela falar. A *brasiliensidade* de nossa obra será tão eloquente que não mais necessitará ser verbalizada.

Embora correndo o risco de cometer uma injustiça em relação a meus ilustres colegas da área de Literatura da UnB, gostaria de destacar, entre os nomes acima citados, o de Cassiano Nunes, como um exemplo do que poderia ser um escritor brasiliense no estado atual das coisas.

Nascido em Santos, Cassiano Nunes veio para Brasília em 1966 e aqui fixou residência. Tendo-se aposentado da Universidade de Brasília, em 1991, ele preferiu permanecer no Planalto Central. Sem deixar de ser santista, Cassiano integrou-se totalmente à vida de Brasília, e a sua obra poética é um ótimo exemplo da fusão de experiências trazidas de outros estados com a realidade brasiliense.

Vou, portanto, terminar estas parcias palavras, lendo um poema de Cassiano Nunes que me parece traduzir muito bem essa fusão de sentimentos e de vivências:

SOU DE SANTOS

Depois de ler "Where a Poet's From" de Archibald McLeish

Nasci perto do mar
como Ribeiro Couto.

Como ele, cantei
o cais do Paquetá,

cheio de marinheiros,
estrangeiros,
aventureiros.

Apitos roucos de navios
me atrafam para outras terras,
propostas sedutoras.

Corri mundo.
Vim parar no Planalto Central
onde, solitário, entre livros,
contemplo os últimos anos.

Às vezes, à noite,
me encaminho para o lado do Eixo
e me detenho ante os terrenos baldios
(amplidão!) da Asa Sul.

Ao longe,
os guindastes das construções
sugerem um cenário de cais.
E o vento me traz com o cheiro do sal
o inútil apelo do mar.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de . Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade. In: *Obras Completas de Machado de Assis - Crítica Literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1959, pp. 129-149.
- NUNES, Cassiano. *Madrugada: Poemas*. Recife: Pool Editorial, 1975.
- VALADARES, Napoleão. *Dicionário de Escritores de Brasília*. Brasília: A. Quicé, 1994.

¹Depoimento proferido, no âmbito do Seminário *A Literatura Brasiliense Existe? Prove!*, realizado no Auditório da Câmara Legislativa do Distrito Federal, de 5 a 6 de outubro de 1995, por iniciativa do Gabinete do Deputado Distrital Geraldo Magela.

DANILO LÔBO é professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB.